

ARTES GRÁFICAS E DECORATIVAS, ESCULTURA E ARQUITETURA-II

JOAQUIM CARDOZO

VOLTANDO a analisar as obras de desenho e de gravura expostas no quinto salão de Arte Moderna, exemplarei algumas feições peculiares a certos concorrentes.

Rossini Perez possui uma esquentatização, um reticulado dentro do qual enquadra os seus motivos: as suas gravuras de "morceos" estão assim simplificadas, contidas no seu esquema; o artista não se demora em observar a riqueza plástica e formal do seu assunto, riqueza naturalmente oriunda das atividades que possuem caráter coletivo, como são estas que dão como resultado uma favela. Porque com tão boa técnica e tramas tão bonitas não insistiu na representação mais profunda de um tema tão real e humano? A observação de uma favela é talvez penosa, tanto quanto a penosa viver nos seus bairracos.

Os desenhistas Pedroso d'Alorta e Ladjane reproduzem, longa e minuciosamente, vários, caprichosos padrões, lineamentos e arabescos, às vezes ligados a formas reais: penas de passaros, conchas marinhas, nervuras de folhas etc., aparecendo aqui o desenho mais como exercício do que mesmo como um "medium" artístico original: são desenhos que revelam extraordinária habilidade no movimento da mão, da direita para a esquerda e de baixo para cima, e indicam virtuosismo na conservação da continuidade linear e da espessura

independência que, prejudicando traço. Há nesses trabalhos um sentido de arbitrário e de do a boa ordenação — princípio e razão das coisas criadas — não consegue, entretanto, atingir a grande complexidade e diversificação das texturas de uma artista como Irene Alice Pereira.



"Brinquedo" — Prêmio de Viagem ao Estrangeiro
(desenho de Anísio Medeiros)

Ana Leticia com o seu gato e as suas pernas envoltos numa sombra sutil de mistério, numa penumbra de coisas veladas e alegicas marca os seus trabalhos de um caráter e de um estilo nitidamente pessoais.

oOo

Muito pouco em matéria de escultura existe o salto: os bons escultores brasileiros nele não estão presentes. Além de duas

esculturas do veterano Honório Poçanha e de também duas de Zélia Salgado: "Serenidade" e "Santinha" umas poucas mais estão expostas. Colocam-se entretanto, um ponto acima do nível do certame, neste setor, as duas esculturas apresentadas por Sérgio Camargo: são duas formas humanas contorcidas,

do que sabe que existe — no "em si" inconsciente.

O sr. Sérgio Camargo não chegou, certamente, à última solução de suas esculturas mediante essa especulação existencialista, mas, pela natural tendência intuitiva do artista e, sobretudo, do escultor que há sempre preocupação pelo objeto: na escultura, mais do que em outra arte, permanece uma insidiosa e penetrante implantação do objeto na "forma se formans" — termo médio da análise estética de Heinenmann — vivamente influindo na "forma formata" resultante.

Encarando as esculturas de Camargo por um outro lado, isto é, pelo lado das suas influências, observa-se que o escultor vacila entre as formas abertas da Moore ou Laurens e as formas fechadas de Brancusi.

oOo

Merecem comentário a parte no fim deste registro os fotografamas de Fernando Pamplona: apesar dos excelentes resultados já alcançados pelo artista, suponho que muitos outros feitos poderão ainda ser conseguidos, tomando-se a luz como instrumento: efeitos de sombra esbatida e de céu; mesmo que para este fim seja necessário criar-se uma máquina análoga a "Lightquist", de Moholy-Nagy ou talvez correspondente àquelas que utilizam os "lumianistas" para a execução das suas músicas luminosas.